



ACADEMIA SERGIPANA DE MEDICINA

Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras,
na Cadeira nº 4, em 5 de junho de 2008,
proferido pelo Acadêmico Marcos Almeida

Ilustríssimo Presidente da Academia Sergipana de Letras, José Anderson Nascimento,
Excelentíssimas Autoridades,
Acadêmicas e Acadêmicos,
Colegas do MAC,
Familiars do Acadêmico Emmanuel Franco,
Meus Familiares,
Estimados Amigos,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A ampla representatividade da Academia Sergipana de Letras (ASL) no cenário sergipano e brasileiro faz com que ela viva, hoje, tempos áureos, verdadeiro esplendor de uma época augusta. Internamente, poderíamos citar o alto nível das sessões semanais, intensa produção literária, palestras de acadêmicos e convidados de nomeada, memoráveis solenidades acerca de grandes vultos de Sergipe, além da publicação da Revista da Academia Sergipana de Letras e no raro e vasto acervo de sua biblioteca. Externamente, é fato notório que a ASL, fundada em 1929, tem sido ubíquo partícipe em uma infinidade de eventos culturais e educacionais de nosso Estado, estabelecendo convênios com diversas entidades governamentais e particulares, interessadas em intercâmbio nas áreas de literatura e historiografia, entre outras.

O acadêmico José Anderson Nascimento, dedicado presidente da renomada agremiação, assim se pronunciou sobre a mesma:

A ASL é reconhecida, também, como a mais democrática das Academias do país, pois, em seu quadro, abriga não só literatos, como homens de artes, humanistas e cientistas, dando, assim, uma ênfase especial à cultura em geral.

Deveras, o patrimônio intelectual de seus ilustres membros, atuais e de outrora, é afortunadamente imenso, a ponto de – ousar dizer, e estou certo de que não haverá quem o conteste –, se uma catástrofe destruísse o “edifício” do conhecimento histórico, geográfico, filosófico, político, folclórico, literário e lingüístico de nossa terra, poder-se-ia, qual a mítica ave Fênix, refazê-lo das cinzas!

Adicionalmente, e em corroboração, não podemos olvidar o crescimento do MAC (Movimento de Apoio Cultural Antonio Garcia Filho), instituído em 25 de agosto de 1985 com a finalidade de dar apoio às atividades culturais da Academia Sergipana de Letras, e que, em relação à sua entidade-mãe, vem crescendo *pari passu*. Parte dessa *grandeur* se deveu ao eficiente trabalho dos membros do MAC e de seus sucessivos coordenadores, entre os quais citaríamos o recente período exercido pela atual acadêmica Luzia da Costa Nascimento, testemunha que sou daquela auspiciosa gestão. Paulatinamente e com esmero, foram admitidos destacados representantes dos mais variados estilos literários e das artes em geral, assim como entusiásticos professores e reputados mestres das Letras. Lembro-me que, outrora, se inquiridos sobre esse importante movimento cultural, poucos literatos sergipanos saberiam do que se tratava. Hoje, após o seu mandato, e sob a batuta da professora Cléa Brandão, o MAC segue dando significativa parcela de contribuição em prol da cultura, seja no que tange à afluência dos que freqüentam as sessões da ASL, seja no que diz respeito à efetiva produção literária. E não são poucos os que o procuram, e que aguardam ansiosamente o surgimento de uma vaga, interessados que estão em ingressar nessa seleta grei de intelectuais.

O ilustre patrono da Cadeira nº. 4, a qual doravante passo a ocupar, é **Francisco Leite de Bittencourt Sampaio**, filho de comerciante português homônimo e de Maria de Santana Leite Sampaio, nascido em Laranjeiras em 1 de fevereiro de 1834 e falecido no Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1895. Poeta, violonista e cantor, formou-se em direito em 1859 pela Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo, embora houvesse começado seus estudos em Recife, interrompidos em 1856. A causa da interrupção foi o chamado interior para prestar auxílio humanitário durante a epidemia de cólera, motivo pelo qual foi condecorado pelo Império com a Ordem da Rosa. Entretanto, e por divergência política em relação à monarquia, decidiu não aceitar a homenagem.

Em jornal acadêmico paulista de 1860, um estudante assim descreveu o nosso prestigiado patrono: “O Sr. Bittencourt Sampaio não rima uma quadra sem que tenha envergado sua casaca azul, de botões amarelos, e um boné da mesma fazenda na cabeça”. O historiador e político Dr. Almeida Nogueira, que teve o privilégio de gozar de sua intimidade por volta dessa mesma época, enxergava-o como “alto, louro, pálido, olhos azuis, encovados e muito expressivos, cabelos crescidos e atirados para trás, descobrindo-lhe a fronte iluminada pelo talento e pela inspiração”. Quando de sua época no Rio de Janeiro, o ensaísta Pessanha Pólvoa o encontrou

sempre cheio de alegrias íntimas, simpático, traquinas, como um colegial em hora de recreio, de casaca azul de botões amarelos, chapéu branco, luvas e calçado parisienses, ora em passeios pelos arrabaldes, ora nos teatros ou em diversas reuniões de estudantes, era estimado e seu coração justamente recompensado na lealdade com que servia aos seus amigos. [...] Era a alegria da casa, o iniciador de divertimentos úteis, de saraus literários e musicais. Não desperdiçava seus talentos no emprego de horas consagradas à crápula dos lupanares, ao assassino regaço das camélias. Nunca amesquinhou a sua individualidade, nem aviltou sua inteligência.

Na carreira, jurídica, foi promotor público de Itabaiana e Laranjeiras entre 1860-61 e inspetor do distrito literário de Itabaiana. Em 1861, deixou a província para viver na Corte, freqüentando os ambientes intelectuais e literários. Cumpriu o

mandato de deputado geral por sua província em duas legislaturas seguidas, no período de 1864-1870, tendo exercido, nesse mesmo período – mais precisamente em 27 de setembro de 1867 a 18 de maio de 1868 – o cargo de presidente do Espírito Santo.

Sua fidelidade às idéias em prol da instalação da República o fez abandonar os partidos monárquicos e assinar, junto com Quintino Bocaiúva, o emblemático Manifesto Republicano. Com a instauração da República em 15 de novembro de 1889, Bittencourt Sampaio voltou a ocupar cargos atrelados à política, tais como o de inventariante dos papéis da Câmara dos Deputados e o de redator dos debates da Assembléia Constituinte de 1889-92, assim como o de diretor da Biblioteca Nacional. No que concerne ao seu talento literário, o biógrafo Armindo Guaraná no *Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano* (publicado em 1925), o definiu como “poeta lírico dos mais festejados”, “artista primoroso do verso, colocado entre os mais distintos da literatura brasileira”, “poeta de merecimento” e para resumirmos efusivas adjetivações que tais, “filósofo idealista”. Além de ter escrito *Cartas do Além Túmulo* (prosa), *A Nau da Liberdade* (poema épico republicano) e realizado diversas traduções do inglês (versos de Longfellow) e do francês (versos das *Orientais* de Vitor Hugo), uma de suas obras mais consagradas, intitulada *Flores Silvestres*, foi elogiada pelo literato Macedo Soares devido à magistral harmonização entre arte universal e inspiração local. Saibam ainda as Senhoras e Senhores que o mesmo literato o enumerou “segundo maior poeta brasileiro”, ocupando lugar logo abaixo de Gonçalves Dias.

Se porventura aparentar demasiado enfadonho desprevermos sua excelente reputação em meio à exigente crítica literária de seu tempo; se produzir encômios acerca de seus versos melódicos, da ênfase na nostálgica vida campesina, dos ares bucólicos que via nos sertões, enfim, se tudo isso parecer redundante; se for inócua listar olvidados poemas de sua lavra, tais como *A Cigana*, *O Tropeiro* e *O Hino ao Gaúcho*, entre os que de melhor produziu; se o fato de detalharmos que a letra do *Hino Acadêmico* da Faculdade de Direito de São Paulo e da conhecidíssima modinha *Quem Sabe?*, ambas produzidas por volta de 1859, tiveram a honra de serem musicadas pelo magnífico Carlos Gomes; se dizer que o poema *A Divina Epopéia de São João Evangelista*, escrito em 1882 e considerado uma de suas melhores obras, representa a audaciosa transposição do evangelho joanino em decassílabos, alicerçados na desafiadora estrutura denominada *terza rima*, a mesma da majestosa *Divina Comédia* dantesca; por último, se nada disso for o bastante para propiciar uma honesta descrição de algumas das excelências beletristas de nosso ilustre patrono, rogo-vos que passemos imediatamente à práxis, ao ouvirmos nesse instante a primeira quadra de um de seus poemas que trata do mistério da morte. Quiçá, assim, lhe concederemos, se bem que *a posteriori* e mais de um século *post mortem*, o oportuno e merecido epitáfio:

Morte! Palavra que traduz mistério.
Sombra nas trevas a vagar perdida!
Pálido círio de clarões funéreo!
Negro fantasma que se abraça à vida!

Minhas Senhoras e Meus Senhores: não foi à toa que Bittencourt Sampaio teceu versos sobre esse tema atroz. No Rio de Janeiro, por volta da segunda metade do século XIX, introduzia-se em nossa pátria o espiritismo kardecista, cujo objetivo, ao que parece, era integrar três vastos campos do conhecimento, representados pela filosofia, ciência e religião. Bittencourt Sampaio, homem de

letras e ciência, imerso em perscrutações metafísicas, aderiu apaixonadamente a essa linha de pensamento, determinado a atingir um ponto de intercessão entre a fé cristã e a proposta de Kardec, de tal maneira que, além de escrever vários artigos sobre o assunto no derradeiro quartel de sua vida, dedicou-se com afinco ao livro *Do Calvário ao Apocalipse*. Seus estudos, palestras e experimentos relacionados com aquela “nova corrente” conferiu-lhe o título de “Vulto do Espiritismo”, sendo hoje indiscutivelmente uma das personalidades históricas mais representativas nesse campo. Certamente, outras belas façanhas e nobres empresas poderíamos narrar acerca de sua excelsa alma. Finalizando, porém, o nosso panegírico acerca do insigne patrono da Cadeira nº. 4 da Academia Sergipana de Letras, resta-nos lamentavelmente informar que muitas de suas obras ainda permanecem inéditas, dentre elas, um surpreendente e completo *Dicionário da Língua Indígena*.

Passemos, nesse instante, à narrativa da vida e obra de **José Augusto da Rocha Lima**, professor, escritor e orador, que nasceu em Lagoa Funda, Gararu, antigo Curral das Pedras, em 22 de julho de 1897, e faleceu em Aracaju, no dia 14 de agosto de 1969.

Filho do agricultor Manuel Alves Monteiro da Rocha, o fundador da Cadeira nº 4 teve forte influência religiosa de sua genitora, Laura Alves da Rocha, o que talvez explique a sua decisão pela carreira eclesiástica. Especula-se, também, que o ardente desejo de tornar-se um “homem de letras” não obstante a penúria familiar o teria levado à opção sacerdotal, como forma de aliar a ascensão social às artes do intelecto, o que não constitui fato insólito, haja vista inúmeros exemplos afins.

Retornando à infância do que seria um dos mais destacados educadores sergipanos, a perda de seu pai aos sete anos, aliada à carência de uma família constituída pela mãe e mais quatro irmãos, obrigou-o a pedir proteção na residência de parentes menos desafortunados. Um “nômade” em decorrência das vicissitudes da vida, estudou em Penedo até os 14 anos, tendo inclusive aprendido a tocar flauta e piano. Ingressou no seminário Santa Tereza em Salvador, destacando-se como aluno aplicado e de singular comportamento. Teve, porém, que abandonar os estudos em virtude da carência vitamínica “beribéri”, para logo encontrar acolhida na alagoana Santana do Ipanema, em casa de padrinhos. De volta a Sergipe, e ainda desejoso de entrar para a Igreja Católica, matriculou-se no Seminário Coração de Jesus, sendo um dos onze que estavam na primeira turma. Ensinou várias línguas – entre elas francês, latim, português –, matérias ligadas à história natural – história e geografia – e até disciplinas teológicas, tais como exegese bíblica e teologia dogmática.

Entre 1918 e 1920, época em que se consagrou padre, Rocha Lima participou do jornal “A Cruzada”, voz do catolicismo esclarecido, e também do “Século XX”, expressão da intelectualidade em geral. Hoje em dia, no que costumamos chamar de tempos modernos, talvez considerássemos insólita a presença de clérigos em ambientes literários e filosóficos. Naquela época, entretanto, eram costumeiros os debates, mormente amenos, entre padres e literatos: a ciência e a religião católica, ao que parece, buscavam conviver em saudável equilíbrio, e a própria Igreja Católica teria facilitado a integração de seus membros nesses espaços laicos, precipuamente com o intuito de dificultar o crescimento do socialismo, do espiritismo e do protestantismo, então chamados de “males contra a fé”.

Desde 1919, quando tinha apenas vinte e dois anos, Rocha Lima já fazia parte dos fundadores da agremiação recreativa denominada “Hora Literária”, tendo sido, inclusive, seu primeiro presidente, assim como foi também o primeiro presidente da ASL durante o biênio 1929-1931. Amante incondicional do magistério, ensinou na Escola Normal a partir de 1926.

Minhas Senhoras e Meus Senhores. Estamos aqui para dar testemunhos históricos de feitos e fatos que permearam a vida de homens. Destarte, não nos é lícito omitir determinados eventos ao bel prazer. O inigualável Cícero, na brilhante obra *De Oratore*, nos ensina que “a história é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira do passado”. Cumpre-me, portanto, referir que Rocha Lima decidiu abandonar o sacerdócio em 1930, o que ocasionou surpresa, uma vez que, além de destacar-se nas funções eclesiais, ele tão-somente contava com uma década de emprego da batina. Motivo de comoção, no mesmo ano, diante de uma sociedade provavelmente escandalizada, noticiou-se no *Jornal da Manhã* de 25 de abril de 1930, o seu casamento com a sra. Louralina Lima Macedo. A reintegração à Igreja Católica somente ocorreria três décadas após, quando, sob a influência de uma linha mais liberal emanada do Concílio Vaticano II, o casal, por intermédio de D. Távora, receberia autorização de casar-se em cerimônia religiosa. Uma vez abandonada a fase clerical, Rocha Lima pôde, livremente, dar plena vazão à carreira humanística. No ano seguinte, em 1931, já estava a viajar para São Paulo, onde ficou cerca de dois meses, buscando aprender novas metodologias de ensino. O fruto dessa viagem foi uma renovação educacional em nosso Estado, que almejou mimetizar a pedagogia paulista. De tal ordem eram as expectativas sergipanas, que todo o processo, ou seja, a ida de Rocha Lima para São Paulo, sua estada e regresso, foram devidamente registrados e comentados pela nossa imprensa. Ao retornar, foi nomeado Diretor Geral de Instrução, um cargo voltado para o aperfeiçoamento da educação pública. Após dez anos nesse ofício, exerceu a função de diretor do Colégio Ateneu (1942-1944). No período 1941-1945, cumpriu o mandato de presidente do Instituto Histórico e Geográfico por dois biênios seguidos. Em 1955, com a aposentadoria, passou a residir em Salvador, a fim de ficar próximo de suas filhas.

Rocha Lima novamente retornaria a Aracaju, desta vez para ingressar como aluno na recém-criada Faculdade de Direito, e depois graduar-se bacharel em Salvador, cidade onde conciliou o exercício da banca de Direito com o magistério. Embora tenha redigido inúmeros artigos e proferido incontáveis discursos, Rocha Lima não publicou livros. Entre os seus escritos, editados em revistas variadas, poderíamos citar *Os Pais na Vida Moderna* e *Getúlio Vargas, O Problema do Ensino Primário e o Ensino Secundário, Um Passeio pela Literatura Francesa, Rui Barbosa e a Língua Portuguesa*, e *As Prisões*. Adicionalmente, não deixaremos de mencionar o discurso de saudação ao professor Michel Simon, eminente intelectual da França, proferido em francês em 12 de março de 1948 na Sociedade de Cultura Franco-Brasileira.

Em resumo, a carreira e a vida de José Augusto da Rocha Lima, por assim dizer, pode ser traduzida como o incessante enfrentamento de obstáculos e a superação de conflitos, tais como a alienação vinculada aos desfavorecidos e a educação como privilégio das elites.

Emmanuel Franco, a partir de 26 de junho de 1969, sucedeu a Rocha Lima. Nascido em Laranjeiras em 10 de abril de 1919, filho de José de Barros Pimentel Franco e Maria da Conceição Vasconcelos Franco, faleceu em 18 de fevereiro do corrente, prestes a completar 89 anos de idade. De 1926 a 1931, fez o curso “primário” na sua cidade natal. Em seguida, e por apenas um ano, continuou seus estudos no Colégio Tobias Barreto, para logo ingressar no Ateneu. cursou Agronomia em Salvador e se formou no ano de 1942 como engenheiro agrônomo. Havia escolhido ser, conforme costumava dizer em tom de pilhéria, um “doutor burro”, expressão pejorativa utilizada pelos que, antigamente, acreditavam existir apenas três belas carreiras: a de médico, a de advogado e a de padre. Seu brilhantismo incontestável, porém, provou o ledó engano dos que assim pensavam:

através de bolsa de estudos em Nematologia nos Estados Unidos, freqüentou as universidades de Carolina do Norte, Flórida e Louisiana, entre 1953 e 1954.

Engenheiro, professor e cientista, Emmanuel Franco ocupou diversos cargos ligados à área técnica, ao magistério e à pesquisa, dentre os quais citaremos o de Inspetor da Defesa Sanitária Vegetal (1946-1972), professor fundador, titular de Biogeografia e livre-docente na UFS (1968-1991). Além de membro da Academia Sergipana de Letras, integrou o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a American Phytopathological Society. Entre as várias condecorações, recebeu a Medalha do Mérito Agrícola (1974) em Brasília, outorgada pela Confederação Nacional da Agricultura a Medalha do Mérito Serigy (1996) no Grau de Oficial e o Título de Professor Emérito da Universidade Federal de Sergipe (1996).

A produção científica e literária de Emmanuel Franco inclui mais de dois mil artigos, além de vinte e três livros, entre eles *Bases da Agricultura Americana* (1954), *Estudo de Ecologia Vegetal e Reflorestamento* (1956), *Aproveitamento dos Vales de Sergipe* (1960), *Estudo Ecológico do Clima de Sergipe* (1976), *Biogeografia do Estado de Sergipe* (1976) e *A Colonização da Capitania de Sergipe D'el Rei* (1999). São obras que tratam de novas técnicas de cultivo e de combate às pragas do campo, defendem a ecologia e o reflorestamento, estudam o povo e a linguagem de Sergipe, abordam a biogeografia de vários estados nordestinos, levantam aspectos históricos relacionados com a colonização sergipana e, para ficarmos com só mais um exemplo de sua versatilidade estilística, mencionaremos ainda as memórias em sua última publicação, intitulada *Viagens, Uma Semente Plantada* (2005).

Casado com Maria Oliveira Franco, teve quatro filhos: Emmanuel Franco Filho, Sandra de Oliveira Franco, Marcos de Oliveira Franco e André de Oliveira Franco. Quanto ao seu lado humano, considero-o uma inusitada mescla de assertividade e afeto. Nas reuniões da Academia de Letras, onde pude desfrutar da presença desse destemido polemista, percebi como era capaz de dissertar longamente sobre assunto provocador de dissensão, para em seguida mudar de tom e tecer comentários afáveis, até emocionados, sobre a sua intimidade. Era evidente o prazer que tinha em participar do sodalício e o valor que dava ao vínculo da amizade. No seu derradeiro livro, assim comentou:

Não esqueço dos meus colegas de todos os níveis, onde estudei e trabalhei, dos parentes e dos amigos de todos os lugares e de todos os tempos.

Precisamente no dia 31 de março de 2008, na Academia Sergipana de Letras, deu-se a sessão do necrológio de Emmanuel Franco, seguindo a decana tradição e as regras estatutárias do referido sodalício. Naquela efeméride, o acadêmico Luiz Eduardo Costa, orador principal, proferiu brilhante discurso *ex tempore*, onde declarou que o ocupante da Cadeira nº 4

[...] abarcou vários campos do conhecimento, aí incluindo a fitopatologia, entomologia, historiografia etc. [...], sua vida, sem dúvida, daria um amplo romance, cujo tema principal seria o serviço que prestou à comunidade [...], ele que fez de sua fazenda Caiçara um pólo de experimentação científica [...]. Saindo de um engenheiro, foi progressista em vários campos de atuação, seja no que tange às técnicas agrícolas e meios de produção, seja na relação com o elemento humano, mormente a mão-de-obra campestre [...]. Inventivo, chegou a imaginar coisas somente descritas a posteriori.

O seu livro que trata da biogeografia das plantas da caatinga, escrito em meados da década de 1950, é um precursor em todos os sentidos, sendo talvez o primeiro trabalho de ecologia publicado no país. [...] Era um homem adiantado para seu tempo e, como ele se queixava, incompreendido. É preciso refletir acerca do acolhimento que a sociedade deveria dar a homens da grandeza de Emmanuel Franco. [...] Perde a Academia um dos mais brilhantes membros.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, prestes a concluir o pronunciamento, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos àqueles que tiveram grande influência na minha vida e carreira literária. Quanto aos prestimosos auxílios de escritores e intelectuais, se resolvesse mencioná-los por completo, a lista seria vasta e inapropriada à circunstância. Agradecendo indistintamente a todos, limitar-me-ei pela exigüidade do tempo a nomear duas pessoas cujo papel foi decisivo no início de minha produção literária: o brilhante escritor Paulo Fernando Teles de Moraes, mestre do qual extraio proveitosas lições, não somente no que concerne às Letras, mas também à ética; e Carlos Alberto da Silva Santos, amante incondicional da lingüística, com quem partilho a devoção pelo latim e grego antigo.

Desejo também externar sincera reverência ao maior baluarte que possuo: o digníssimo Leitor, garbosamente representado por todos os que aqui se encontram. Se a virtude clama pela literatura, ou se a córneia pena de escritor insiste em não silenciar, devo-lhe muito, no imo. Ao precioso Leitor, portanto, o galardão.

Por fim, agradeço aos estimados pais, Luiz Araújo e Cleodice, pelo constante incentivo em tudo o que tenho feito e venha a fazer; à amada esposa, Jaqueline, que, percebendo o meu interesse pela literatura e insistindo para que eu exercesse plenamente tal aptidão, estoicamente renunciou aos momentos de lazer a que teria direito; aos queridos filhos Gabriel e Lucas, pelo contagiante entusiasmo pela vida.

Ao discorrer sobre Bittencourt Sampaio (patrono), Rocha Lima (fundador) e Emmanuel Franco (último ocupante), acredito ter demonstrado que a Cadeira nº 4 é fruto do maravilhoso amálgama de três gigantes sergipanos. Nesse momento, prestes a portar o capelo sobre meus ombros, percebo o tremendo peso da tarefa que a mim cabe, a de estar à altura de tais *optimi viri*, autênticos *áristoi* da intelectualidade, guardiões da cultura e da memória sergipana.

Na mediana madurez em que me encontro, sei que não é o vigor da juventude física o que deveras conta, mas o verdadeiro espírito jovial, a pujança e robustez da mente que se aprimora enquanto busca conhecimentos; algo que jamais fenece e que sobeja, tanto em titãs octogenários e nonagenários da Academia Sergipana de Letras, quanto nos demais ínclitos membros. Pertinente ao assunto, traduzo um trecho de Cícero, inigualável filósofo e orador romano, contido no livro *De Senectute*:

Não são os cabelos brancos, nem as rugas, capazes de, repentinamente, arrebatam autoridade, mas é o decurso da idade, de forma digna e honesta, que obtém seus frutos, até os mais remotos.

Oxalá possa o Transcendente capacitar-me para tão hercúlea faina, a de zelar pela memória dos próceres que me antecederam, e cumprir o devotado papel que se espera do escritor, o de trabalhar em prol da humanidade com muitas, e se possível belas, letras!

Muito obrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS (vários autores). *Revista da Academia Sergipana de Letras*. Aracaju, nº 35, 2005. 570 p.

DANTAS, Ibarê. *Emmanuel Franco (10.04.1919 – 18.02.2008)*. Publicado em 3 de março de 2008. Disponível no site do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em <<http://www.ihgse.com.br/ler.asp?id=64&titulo=artigos>>. Acessado em 30 de abril de 2008.

FRANCO, Emmanuel. *Viagens, uma semente plantada*. J. Andrade: Aracaju, 2005.

GUARANÁ, Armindo. *Diccionario bio-bibliographico sergipano*. Edição do Estado de Sergipe. Rio de Janeiro: Officios da Empresa Graphica Paulo Pongetti & C., 1925.

NASCIMENTO, José Anderson. *Academia sergipana de letras*. Disponível no site da Academia Sergipana de Letras, em <<http://www.infonet.com.br/asl/>>. Acessado em 30 de abril de 2008.

SILVA, Maria Neide Sobral da. *Intelectuais “à sergipana”: uma aproximação a partir da trajetória de Rocha Lima (1897-1969)*. Revista do Mestrado em Educação, UFS, v.8, p. 33-44, jan/jun 2004.

_____. *José Augusto da Rocha Lima e o seu discurso sobre as prisões (1956)*. Revista Justiça & História, v. 6, nº 11, p. 221-224, 2006.

Todos os direitos reservados aos seus autores e à Academia Sergipana de Medicina. Permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte